

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 2 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 4

Guimarães, 24 de Janeiro de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO — Guimarães

VELHO TEMA

Como de vale em vale, de quebrada em quebrada, se perde e morre a voz do pastor que chama a rez tresmalhada, também de seculo para seculo, de ano para ano, se vai perdendo e vai morrendo o eco da tua voz, ó doce Galileu. Mais templos erguidos, mais altares levantados em teu nome e sempre a mesma humanidade vil e sempre o mesmo homem rebelde á Verdade sublime, que defendeste com a tua palavra inspirada e santificaste com o teu sacrificio heroico. Mais templos erguidos, mais altares levantados á tua fé e sempre a mesma humanidade crapulosa e sempre o mesmo homem avesso aos ingentes principios da fraternidade, do amor do proximo, em volta dos quais teceste a mais grandiosa das morais e pelos quais te deste ao martirio infamante!

Vejo-te ainda, ainda te vêm os homens no tópo do Calvario—a fronte sangrenta caída para o magro peito chaguento, os labios arroxeados murmurando a ultima prece, a

suplica da paz e do perdão— bendizendo a hora amarga do suplicio, a hora em que davas a propria vida em holocausto á ideia augusta da Verdade e do Amor, da Solidariedade e da Justiça.

Rabi, doce Rabi de olhos limpídos e alma pura, quem compreendeu a tua palavra arrebatadora e o teu singular sacrificio? O pobre nazareno, ingenuo pensador, a sombra da cruz pregada no Golgota, a sombra da tua cruz, de que quizeste fazer escudo contra o Mal e inspiração da Virtude, esmaece e recua sem que no coração do homem deixasse o vinco da sua passagem, gravasse em traços eternos a eternidade de que era simbolo e promessa... E a tua palavra, ó candido sonhador da *boa-nova*, essa perde-se, morre de seculo para seculo, de ano para ano, como de vale em vale, de quebrada em quebrada, se vai perdendo e vai morrendo a voz do pastor que chama a rez tresmalhada.

DÓRIO.

ELUCIDANDO

Por razões imperiosas, teve o nosso jornal, bem contra vontade de certa e hipócrita criatura, para quem a lealdade não passa duma arma traiçoeira e perigosa, que valer-se de uma officina tipográfica de feição monárquica.

A ira mexeu-se e satisfez-se a vingança. A saída do nosso jornal foi protelada até agora. Que extraordinaria diferença entre os monárquicos e os republicanos!...

Enquanto aqueles se orientam no sentido da vingança, do ódio e da mentira, estes seguem o caminho nobre da sinceridade e da verdade.

A' violência e ao insulto, temos respondido de frente levantada com a violência e o insulto. Mas somos sinceros, mas somos leais, mas não remoemos em silencio, para depois, no momento azado, atacarmos pelas costas com raiva desesperada, num desajo formidável de exterminio, aqueles que nos combatem.

Desta luta desigual, em que a imprensa monárquica, representada por um dos seus mais obscuros elementos, nos quiz reduzir ao silencio—por temor da

Verdade e da Justiça—desta luta provocada e de há muito esperada pelos nossos adversários políticos, «A Razão» sai com honra e vencedora, ressurgindo mais forte, com mais pesadas razões de existencia e com mais fundas razzes. Alcançamos uma vitória, porque continuamos de pé, mas haveremos de conservar-nos alerta, não acreditando em cavalheirismos como temos feito, não vá a deslidade tentar aniquillar-nos nova e traiçoeiramente num momento de confusão.

Os nossos artigos de combate têm sido por vezes violentos. Não negamos, porque não pretendemos ilibar-nos de responsabilidades. Mas porque o temos feito? Porque na sua falsa visão politica, no seu malevolto modo de proceder e no constante desejo de apunhalarem a Republica, os monárquicos desta terra insultam e magoam. Ainda ultimamente um colega de politica adversa empregava, sublinhada, a palavra «roubalheira».

E quem que nos calamos?! E julgam que devemos assistir a tal desfôro, sem que o nosso protesto se levante bem alto?!... Não, senhores, porque somos honrados, porque somos honestos.

Há atitudes que se não admitem, frases que se não toleram

e actos que se não justificam. Por isso nos não calaremos, por isso a nossa voz há de ouvir-se sempre e sempre.

A Republica já que, como se compreende, lhes não merece acatamento, deve merecer-lhes respeito, porque tem sido magnánima e até em demasia. Provas! E-las evidentes, claras e fulminantes, num só exemplo.

Os republicanos que previam e que, julgando muitas vezes servir a Pátria e os seus ideais, se tem abalancado á execucao de planos revolucionarios, tem, como é lógico, sido punidos com rigor e severidade. Em contraposição, aos monárquicos que continuamente a afectam na sua existencia, a prejudicam na sua economia e que constantemente, desde a implantação do regimen republicano, tem alimentado a desordem com sucessivas revoltas, a esses senhores que tanto sangue tem feito correr, como tem pago a Republica?—Castigando-os... com sucessivas anistias. E' isto mentira? Não. Eis o mal da Republica e o principal factor da sua vida cheia de incidentes.

Que a imprensa monárquica desapareça pouco ou nada nos importa. O que nos importa e o que pretendemos, é que, existindo, nos combata com armas leais, e de frente, para que de igual forma possamos proceder, pois do contrario não-de ser bem fundos e contundentes, os golpes que porventura tentamos de vibrar em legitima defesa.

GAZETILHA

«A Razão», por motivos contrários á nossa vontade, esteve impossibilitada de sair durante duas semanas.

—Ao presumido delinquente... a gazetilha.

Eu bem sei, meu caro irmão,
Meu fero cidadão,
Que o amigo é bom rapaz;
Mas, ás vezes, quando *embica*
Se alguma mosca lhe pica,
Mostra logo que é... Tomás.

Não ponho nisto malicia,
Mas preferia a *ictericia*
Muito embora andasse á brocha,
Do que ver o Cidadão
Ser tão *Rocho* p'r'a «Razão»,
Ser na razão tanto *rocha*!

Apesar do seu veneno,
Que escapou ao bom Galeno,
«A Razão» não sofreu espantos!
—Disse logo: —estou no cabo!
Ou andou nisto o Diabo,
Ou... Tomás Rocha dos Santos.

PIRILAU.

Lêde e propagai

«A RAZÃO»

Semanário republicano.

Teatros

A morte do grande actor Ferreira da Silva ::: Companhia Aura Abranches :::

Entrou na imortalidade o grande actor Ferreira da Silva! Morreu o grande Mestre da scena portuguesa!...

Glória de uma Pátria, impossível que seja olvidada por aqueles que se honram de pertencer a essa mesma Pátria; Génio de inconfundível grandêza, a sua luz perdurará eternamente na terra e no coração dos homens; Astro sublime, o seu rasto perpetuar-se-há em todas as almas que vibraram com a sua—scentellas bruxuleantes de um cirio a arder!...

E porque foi tudo isto, mal andaríamos nós, vimarancenses, se esquecêssemos Ferreira da Silva. E porque foi águia de vãos arrebatadores, erro indesculpavel cometeríamos não o recordando, falta grave praticariamos não lhe prestando aquela homenagem sincera e bem portuguesa a que tem jus.

Mas... como a mesquinhez do nosso espirito não ousou discutir a pessoa do grande Actor em vida, muito menos o poderia fazer depois da sua morte, e por isso, aguardamos que outros o fizessem e de tal sorte que, não pudéssemos, nem por momentos, duvidar duma palavra autorizada. E foi justamente outro Astro, outro Génio e outra Glória—Adelina Abranches—que se escolheu para prestar a homenagem que desejávamos ver realizada. E foi justamente outra águia de vãos elevados que, cedendo ao nosso pedido, pôde dizer de Ferreira da Silva aquilo que desejávamos se dissesse.

A gentileza do illustre actor sr. Sacramento levou-nos até junto da grande Adelina, e, uma vez feita a apresentação, logo á primeira pergunta nos respondeu com a simplicidade que a caracteriza:

—«Oh! Ferreira da Silva foi um grande actor, um homem bom, muito bom...»

E deixando transparecer a saudade que lhe minava o coração,

Luiz Filipe Coelho

Verdadeira alma de «A Razão»; novo mas conhecedor, inteligente e trabalhador, Luiz Filipe Coelho por um acto de compreensivel modestia, colocou se no ultimo numero fóra do grupo daqueles decotados republicanos que, com êle, fundaram este jornal.

Para êle, que faz parte do «Quadro de Honra» de «A Razão», as minhas felicitações.

XERXES.

Adelina continuou, após uma pequena pausa:

—«Trabalhei com êle muito tempo fazendo alguns papeis nas peças «O avarento», «O Pai» e outras. Revelou-se sempre um grande actor, um actor de extraordinários recursos...»

E abrindo mais os seus olhos brilhantes e irrequietos, como que não querendo deixar fugir o pensamento que lhe assaltara o espirito, disse-nos em tom rápido e a um tempo meigo:

—«Não foi um avarento como procuraram alcunhá-lo. Era uma grande alma, um homem bom... Antes de vir para a provincia, encontrei-o uma vez em Lisboa, acompanhado de sua esposa, e mal me viu perguntou-me: como vai a minha rapariga?—tratamento que sempre me deu—e como eu lhe dissesse que ainda havia-mos de representar «O Pai», êle replicou com tristeza: «parece-me que nunca mais, nunca mais...» Tinha o espirito tam limpido, mas a matéria...»

E que mais se há-de dizer dêle, que mais se há-de dizer?... —Foi um grande actor...»

Estas palavras simples e cheias de sinceridade—violetas submergidas em água serêna e cristalina—ditas em uma voz timbrada e sã, repassadas de ternura e de saudade, são o melhor perfil de Ferreira da Silva, representam o melhor elogio que se poderia traçar desse espirito grandiloquo, dessa alma exilada na imensidade do Espaço e do Tempo...

A companhia Aura Abranches deu 3 récitas de assinatura no nosso teatro, levando á scena as seguintes peças: «Injustiça da Lei», «Gente A'egre» e «Aquele olhar...»

A peça «Injustiça da Lei» agradou, não só pelo bem escrita que é, mas pelo desempenho brilhante que teve da parte de Adelina, Aura, Sacramento, Alexandre de Azevedo e Alves da Silva.

No final do 2.º acto foi feita uma grande ovação ao actor Alexandre de Azevedo.

«Gente Alegre», dos irmãos Quintos, é uma peça leve e bem trabalhada, cujo desempenho foi bom, especializando Adelina no papel de «Lucia», Aura no de «Consuelo» e Sacramento no de «Julio». Alves da Silva não sabia bem o papel. O conjunto bom.

«Aquele olhar...», da autoria de Aura Abranches, é uma peça da actualidade. Nenhum tipo novo a não ser a «Emilia». Trabalho grandioso de Adelina, principalmente no final do 2.º acto. Aura, Sacramento, Celeste Leitão, Alves da Silva e Antonio Melo desempenharam com agrado os seus papeis.

O sr. Director do «Ecos» continua a del-gar num irresponsavel a triste missão de pretender ofender-me. E como quem não póde arrear, o mesmo senhor como não sabe, d-l-ga.

E' nojento, pois não é, meus caros leitores, assistir a este ofembauquiano espectáculo a que estes senhores do «Equis» se veem prestand. ? Lealdade jornalística, correcção de processos, modelo de linguagem, que ninguém procure ver no «Equis». Aquilo é só parádo... está-lhe na massa do... nome. Eú não vim aprender a fazer jornalismo em Guimarães, mas nunca encontrei um modelo de má educação como tem sido esse infeliz «Equis», que muda de colaboradores como quem muda de camisa. E se tivesse que aprender não seria na escola do «Equis» que iria educar-me. Pois ninguém pode dar aquilo que não tem.

E positivamente que o Equis não tem lealdade, nem jornalismo, nem correcção. Fica assim respondido ao ultimo vomito do grande pandego do sr. D. Braga, que de tanto que estuda ainda não aprendeu o mais simples, o ser educado. Lá que não saiba fazer versos, vá; ao menos medidos, vá tambem com todos os mitondes; quando muito ser modesto, vá com tresentos bifazes; que seja singularmente atrevido e particularmente ignorante, vá com todos os milhões de impetras chorosas; mas que não seja rudimentarmente bem educado isso é que nem com todos os suaves rumores por baixo.

Mas o Equis é assim, e muitos dos seus colaboradores... Hay que gramal-o.

No Equis, um tal sr. R. chama ditador ao sr. Cunha Leal, como se ele já fosse um Mussolini ou um Primo de Rivera. Descanse, homem, que não volta por cá outro Sidónio, para outra traição, donde saia outra traulitania.

— Depois lamenta que o sr. Alfredo Pimenta (até parece o D. B. a fazer versos) tenha saído do «Correio da Manhã». Cada qual é para o que nasce. O sr. Pimenta foi anarquista, depois socialista, depois republicano de várias feições, depois monárquico constitucional, amanhã vá para os da força e do cacete, e depois será o que calhar, conforme as disposições do estom-go. Olhe, não se admire que ele deixe de ser Pimenta para passar a ser pudim ou arroz doce. E' uma questão de iguarias e cada qual come do que gosta.

— A propósito da situação financeira, pergunta o in-smissimo «Equis», para onde vamos? Isso agora, mi-u caro, é caso para perguntar: Se não fóra a República, para onde nos tinha levado a Monarquia? E depois para onde foram os capitais portugueses devido ás influencias da propaganda monárquica?

Ora se os srs. fossem para lá e nos deixassem descansadinhos.

Aquela do Gil Birrento, todo azul e branco a alirar-se de cabeça aos partidários do azul e branco, é que não lembrava ao diabo. Ou bem que é ou não é. Mas tem tantas convicções que misturam as cores das bandeiras sem darem por isso.

Ai o fogo sagrado da causa, da mais que falida causa!!

Janairo de 1924.

Lédecó.

Propagai «A Razão»,

Rico «Comércio de Guimarães».

Vá mesmo á laia de insígnia. Desculpe a maçada, mas tenha paciência.

— Recebemos a sua mui «sua» vol- local, que muito nos sensibilizou de verdade (1), e á qual vamos responder, depois de apresentarmos os nossos agradecimentos.

Recebemos e, francamente, não era pressa. E não era pressa porque esentiv- do nos obrigar a dizer-lhe duas verdadinhas amargas, embora não sejam a nosso contento.

Ora vamos lá e não se queixe: «Diz o nosso «amigo» que «A Razão» não veio á luz da publicidade para defender o seu «edial» ou os interesses de Guimarães.»

Lamentamos, rico «Comércio», mas havemos de confessar que está equivocado. «A Razão» (isto é nosso) não veio á luz da publicidade para andar de caixas encovir-das. Não nasceu, repetimo-lo, para agradecer a A ou B, como succede com o «Comércio». Cá, o contosto-nos, defende-se, voluntár amoute, o «edial» que abraçamos e não por barriga; cá, esentost-nos, não há ex-republicanos e escrev- uhar n-m tamponco idealistas do... v- nha a nós.

Aqui, há brios e dignidades e não... arranjos. Se o «Comércio» de um anjo encontrou melindre no que dissemos, casta, casta, mas ougla a plula.

Então pensava, o velhinho, que andávamos ou andamos com os olhos tapados e que, por isso, nos servíamos do «INVENIOS», sem péis nem caboga, mais parecendo hí-tó-ús de crianças, que argumentos sérios?...

Tem graça e não ofende. O «Comércio» de uma enna, rico «Comércio» (1) isto é diz-se... nos pretos; a nós, não, que nunca dormimos...

Antes, pelo e-u rá-ío; estamos sempre a ver que o INFANGÍVEL defende Guimarães como quem defende o jornal- lino dos outros, isto é, fazer transcri- ções.

Festa republicana

O nosso aniversário

Realizou-se no passado dia 19 um jantar comemorativo do 1.º aniversário da fundação do semanário republicano «A Razão».

Festa simpática, a ela assistiram republicanos de todos os matizes o que prova que o nosso jornal tem sabido cumprir o seu dever fóra das facções partidárias, e com geral agrado.

Assistiram a êsse jantar os seguintes senhores:

Dr. David de Oliveira, Capitães Duarte Fraga e Sousa Guerra, Tenentes Gervasio Campos de Carvalho, Heitor Almeida, Carlos Coelho, Francisco Almeida, Guedes Gomes, João Malheiro, Benjamin de Vasconcelos, João Martins, Albano Cruz, José Campos, Artur Rodrigues, os alferes Caldas, Dantas e Bernardo de Castro; P.º Francisco Almeida, P.º Alfredo Correia, Raul Sampaio, Alberto Gomes Alves, José Fernandes da Costa Abreu, Luís Castela, Heitor da Silva Campos, Mario Gama, José Faria, Ernesto da Silva, Luís Filipe Coelho, José Ribeiro Gomes, Amadeu Almeida e João Esteves.

Ao toast brindaram os srs. Capitães Duarte Fraga e Sousa Guerra, Tenentes Gervasio, Cruz, Rodrigues e Malheiro, Mario Gama, José Gomes e P.º Almeida, sendo feito, por todos êles, votos pelas prosperidades do jornal e pelas felicidades do seu Director, corpo redactorial e colaboradores.

Por último, falou o sr. Dr. David de Oliveira, que agradeceu os elogios que lhe teceram, e bem assim, prometeu continuar a dar o seu concurso em defesa dos principios republicanos e da Pátria. Foram levantados mui-

E agora diga, diga que somos mal educados ou que «não tomamos outro fim que não seja» provoear os colegas...

Ai, rico «Comércio», rico «Comércio»! Isto de querer ser «malhado», convença-se desta, dá muitas vezes água pela barba...

E não se precisa de atestados de bom defensor do Couceiradas, porque até... êsse já não vai na fi...i...i...i.

«A Mercantil Vimaranesense».

Não é um réclame, hereditam. E' simplesmente o lonyar uma Empresa que alguma coisa está fazendo em proveito da população de uma cidade.

E' simplesmente o elevar uma acção, uma acção que pode bem ser denominada de altruista, quando se por si empoliam a ganancia e a voragem.

Explicamos: Um potentado, que pode, considerar-se um reembareador na accepção da palavra, de há muito que absteve de peixe o nosso mercado.

— Mas de que maneira? Explorando miseravelmente o público, fazendo com que o peixe se tivesse enxada em casa dos potentados do ouro, como êle.

Os remedlados e os que labutam, comendo o pão amargo que o Diabo amassa, dâses não tinham direito a suborear tal comestível porque não lhes chegavam no preço. ESC. 15300, ESC. 16300, era o preço de tal preciosidade!!

— E agora, perguntemos nós, como é que a MERCANTIL VIMARANENSE pode apresentar peixe a ESC. 7350?!

Sim, como se comprehende tal diferença de preço?!

Com certeza, o do outro modo não se explica, o ronho imperava, a ganancia em apunção do fornecedor e a voragem a sua filha dilecta.

tos vivos á Pátria, á Republica, ao Chefe de Estado e á união de todos os bons republicanos.

Partido R. Radical

O 2.º Congresso do Partido R. R.

Aviso a todos os organismos politicos do Partido constituidos no Paiz

A Comissão organisadora do 2.º Congresso do Partido Republicano Radical, a realizar nos proximos dias 31 de Janeiro, 1 e 2 de Fevereiro de 1924, na cidade do Porto, que está trabalhando na organização do mesmo Congresso de accordo com a Comissão Distrital de Lisboa, avisa todas as organizações partidarias que devem nomear quanto antes os seus delegados ao referido Congresso a fim de facilitar a organização do mesmo.

No Congresso tomarão parte o Directorio e Junta Consultiva do Partido, antigos Ministros, senadores e deputados filiados no Partido Radical, antigos governadores civis filiados, senadores e deputados do Partido, 3 representantes por cada Comissão Distrital, 3 por cada Comissão Municipal, 2 por cada Comissão politica de freguesia, 2 por cada Centro partidário, 1 por cada orgão da Imprensa partidária, por 1 ou 2 delegados partidários das localidades onde ainda não haja organismos constituídos, e 3 delegados das varias Comissões de propaganda dos varios distritos do Paiz.

Toda a correspondencia relativa ao Congresso, deve ser dirigida para a sede da Comissão organisadora do mesmo, Rua Chã, 117, 2.º—Porto—onde estão montados os serviços de informação que lhe dizem respeito.

Tambem quaisquer informações que sejam necessarias sobre o Congresso, podem ser pedidas para a sede da Comissão Distrital de Lisboa, Rua de S. Bento, 31, sobre loja—Lisboa—, que serão prontamente dadas.

Todas as requisições de cartões de admissão ao Congresso devem

En sempre queria ver com que cara ficaria Cristo, se hoje e aqui na nossa terra começasse a chamar para junto de si as innocentes criancinhas. Teria sua graça e tanta que eu não resisto a pôr em letra redonda uma parte do quadro. Ora vejamos:

Cristo, com as sandalias rôtas e o manto desbotado, os loiros cabelos soltos ao vento e nos olhos o fogo sagrado da ideia generosa que prégava, apparecia ali no alto da cadeia nova. Vin-do de longe peregrinação, sacudi o manto e com uma ponta deste limpou de-pois o pó que o cobria Feito isto, olhou em volta, viu o Castelo — para êle novidade—e logo o seu peito sangrou de novo ao adivinhar que tinha em sua frente mais uma flagrante prova de fereza humana. Chorou e por momentos gotas cristallinas bilharam no oiro da sua barba virgem. Subitamente, dirige os passos para a cidade e, lentamente, as mãos esguias cruzadas no peito a cabeça curvada, vai se aproximando do Toural. Ninguém o vê, ou ninguem dá por êle, que pára, triste e só, junto do rei preto.

Medita um pouco após o que desdobra o manto e com a mão direita est'ndi-la e lançada para a frente, dá principio ao seu sermão. A sua voz suave, calenciada, levanta-se no meio da vasta praça e com o por encanto todas as janelas se abrem e por todas as portas sai gente, que vai collocar-se em redor do estrangeiro. Como balsamo milagroso em chaga aberta, as palavras de Cristo, melódicas, fascinadoras como a Bondade e como ela alentadoras, vão caindo na alma dos que o cercam, aqui frutificando em esperanças, além servindo de lenitivo a dôres; neste florindo em desejos de abnegação, naquelle acalmando grosse ras táras. Nisto o choro de uma criança yem interromper a orção e logo a mão gordurenta da Zóinha faz justiça, que é rematada por um ar-re, que é besta do Zé da Leira. Cristo, o semblante turvado pela magua, os braços abertos para a turba, elama então: Deixai vir a mim as criancinhas.

A voz tremelha, não de ira, que todo êle é resignação, mas de piedade, que todo êle é amor. E de todos os lados e de todos os cantos, a petizada accorre e salti alegre para os joelhos do Justo, que so ri. Mas — e agora é que são elas—Cristo olha, repara naquelles rostosinhos e o sorriso vai-se-lhe dos lábios. E'

ser acompanhadas da quantia de 5000 para custear as despesas do mesmo.

Os congressistas terão direito ao desconto de 50 p. c. nos preços dos bilhetes de Caminho de Ferro em todas as linhas do Paiz.

Pela Comissão de propaganda do P. R. R. de Lisboa foi-nos pedida a publicação desta noticia.

ITALIA:

As negociações italo-russas

Nos meios politicos italianos cre-se que as negociações italo-russas estão concluidas. O sr. Mussolini recebeu os delegados

Do Estrangeiro

ITALIA:

As negociações italo-russas

Nos meios politicos italianos cre-se que as negociações italo-russas estão concluidas. O sr. Mussolini recebeu os delegados

Ex.º Sr.

que as criancinhas estavam todas sujas, ranciosas e aos cantos da boca de muitas, de qu si todas elas, via-se a marca do vinho que tinham bebido na véspera. E' que elas limpavam o nariz com a mão e os dedos emporcalhados tinham perdido o tino ás caricias e serviam apenas para alivio da comicheira que lhes atormentava a cabeceitas maltratadas e bichosas. E' que êle ouvira a uma, que ainda não teri; quatro anos, um destes palavões de fazer corar um cocheiro.

E novo, as lagrimas sulcaram o rosto pallido de Jesus. Tanta miseria as ombrava-olantando desl-ixo atordoava-o. Vacilava. Toda a sua obra lhe pareceu inutil, destruida pela loucura dos homens. Reagiu. A serenidade voltou ao seu espirito e com ela o desejo de combater o mal que continuava aqueles pobres séres. E disse para a criancita que lhe ficava mais perto: O ha, meu amigo, já algum dia lavaste a cara? «Êle é o lavas! Lá em casa ninguém usa isso. E porque havia eu de lavá-la, se nem o pai nem a mãe a lavam?»

Voltou-se então para outra, uns escassos seis anos, e polsando-lhe a mão na cabeleira desgrenhada, disse-lhe: E tu, pequenita, tu não deixas que te pentem? «Deixo, sim; mas é que o peço foi com o lenço para o pégo, um dia destes, para arranjar dinheiro. O pai queria ir para a venda...»

E tu, que tens os olhos azuis como os meus e o cabelo de oiro dos homens da minha tribu; que tens tu na mão fechada?

«São priscas». Mais e mais se anuviava de tristeza a face do nazareno. De novo olhou em volta a percorrer com os olhos melros e tristes a turba que acudira a ouvir a sua palavra mágica. Mas os seus lábios ficaram cerrados. E dizendo com os seus botões que aqueles já não iam com palavras, Cristo retomou o seu caminho, o passo lento, as mãos esguias cruzadas no peito. Ninguém o via ou ninguém dava por êle, mas diz-se por aí que em certa rua e a certas horas se ouvia uma voz suave, muito suave, e triste, muito triste, a dizer:

Perdão-lhes, pai, se perdão merecem os que pecam conscientemente.

P. P.

russos Gosdanski e Gamon, com quem teve longas entrevistas parecendo que foram arredadas todas as dificuldades, inclusive a questão das alfândegas.

HUNGRIA:

Repressão de atentados

Dizem de Budapest que um decreto recente estende aos atentados cometidos com explosivos a competencia do tribunal marcial estabelecido para julgar a rebelião e crime de incendio. Além disso, afirma-se que o ministro da justiça apresentou á Assembleia Nacional um projecto de lei tendente a punir com 5 anos, podendo ir até prisão perpétua, o fabrico, compra e transporte de materias explosivas.